

**VELHAS CASAS XII**

**“História do Palácio de Vila Flor ou Cavalinho”**

*Maria Adelaide Pereira de Moraes*

## Abreviaturas

Agt	Agosto
A.M.A.P.	Arquivo Municipal Alfredo Pimenta
Arq.	Arquivo
B.	Baptizado
Bap.	Baptizado
Bib.	Biblioteca
B.N.L.	Biblioteca Nacional
Cap.	Capítulo
C.C.	casou com
C.G.	com geração
Cav. Prof.	cavaleiro professo
Doc.	Documento
Dr.	Doutor
Fal.	faleceu
F <sup>a</sup> .	filha
F <sup>o</sup> .	filho
F.C.R.	fidalgo da Casa Real
Liv.	Livro
Mat.	materno ou materna
M.er	mulher
M.S.	manuscrito
M.F.C.R.	moço fidalgo da Casa Real
N.	nasceu
O	óbitos
Pe	padre
Pat.	paterno ou paterna
S.G.	sem geração
Sr.	senhor
Sr. <sup>a</sup>	senhora
Solt.	solteiro
Suc.	sucessor
Set.	setembro
Tit.	título
Tab.	tabelião
T.T.	Torre do Tombo
Vol.	Volume

## Sinais usados em genealogia

*	nasceu
x	casou com
+	faleceu

Era um montado, fresco, viçoso, igual a tantos. Provavelmente denso, as raposas a cruzarem-no ao luar, um ou outro javali a correr entre a folhagem. A passarada cantava, o mato espalhava-se, encostas tingidas de roxo tojo na Quaresma, giestas amarelas a salpicá-las de alegria. Acolá, lá em baixo, espraiava-se a vilória: casas colmaças, ruelas estreitas, encimadas pelo Castelo, apertadas pelas pedras das muralhas. A vila dormia.

A vila dormia. Estava Guimarães por Castela. Com seu alcaide, Aires Gomes da Silva, fiel ao seu juramento a Dona Beatriz, filha e herdeira d'El-Rei D. Fernando, agora esposa do Rei castelhano. Não longe das muralhas avançavam D. João, que fora Mestre de Aviz agora Rei e seus homens. Leia-se Fernão Lopes na "Crónica del Rey dom Joam I de boa memoria", capítulo XI, parte segunda; "Como el-Rey cobrou a villa de Guimarães", Cap. XII: "Como foy combatida a segunda cerca e Aires Gomes preitado" e cap. XIII "Como foy se escussou El-Rey de Castella a nom acorrer a Aires Gomes, e foy entregue a villa a El-Rey". Páginas onde corre o feito de Afonso Lourenço de Carvalho "escudeiro de pee e gran fiança", o "melhor e mais honrrado do lugar", o que "por temerário ardil", permitiu a entrada d'el Rei D. João I na vila de Guimarães.

Ouçam-se as vozes de antanho: "Estando em poder d'el Rei D. João o 1<sup>o</sup> de Castella esta villa de Guimarães, della fez preito e homenagem a Aires Gomes da Silva, como alcaide mor della, em uma madrugada a tomou por assalto el-rei D. João o 1<sup>o</sup> de Portugal, com um militar ardil que lhe deu Afonso Lourenço de Carvalho, natural e morador nella, o qual fez abrir a Porta do Postigo, dizendo às guardas, que queria recolher uma cuba de vinho para sua casa, e aberta a porta el-Rei D. João de Portugal que estava com seu exercito na ponte do Soeiro, distante uma légua para vendaval, havia marchado com toda a pressa, e com muitos de cavallo, entrou pela porta, tendo com os guardas uma rija contenda, como Afonso Lourenço de Carvalho lhe tinha franqueado a entrada, e com seu valor a ajudava, vendo os guardas que não podiam resistir se recolheram...".<sup>1</sup>

Quem leu as minhas "Velhas Casas X, Paço e Honra de Gominhães", já "viu" a cerca velha cercada, escadas encostadas aos muros, homens a subirem aos brados por Portugal! Portugal! o fogo ateado, a chuva de bestas, os seguidores de Aires Gomes a acordarem estonteados, a refugiarem-se na vila velha aos berros por Castela, saqueados nos seus bens e roubados nos seus cavalos. E Afonso Lourenço de Carvalho, matreiro, a gozar o seu estrategema.

Chegou a trégua: trinta dias ao fim dos quais, não havendo reforços, Aires Gomes, entregará a vila a D. João. Cercados, a luta recomeça. Dona Urraca Tenoria, mulher de Aires Gomes, irmã do Bispo de Toledo, incita com valentia os seus homens. Dura o cerco dois meses: os portugueses grimpam as muralhas, indiferentes ao pez e às pedradas. Vencem por fim. Factos contados, relatados por quem os estudou: "... viviam nesse tempo em Guimarães Afonso Lourenço de Carvalho e Pêro Rodrigues, seu cunhado, que tinham parentes na hoste portuguesa. O Arcebispo de Braga lembrou um dia ao Rei que escrevesse a Afonso Lourenço, para que viesse ao Porto, conferenciar com ele. Veio o escudeiro à entrevista e foi aceite a proposta, concertado o plano e o dia. Afonso Lourenço voltou a Guimarães e saiu o monarca do Porto com trezentos cavaleiros. Iam devagar e calados. Um cavalo relinchou, el-rei fê-lo matar. Entretanto, Afonso Lourenço, em Guimarães, pretextando a entrada duma cuba de vinho, fizera abrir, ante-manhã, o postigo do Campo da Feira. Por ele entrou primeiro, a cavalo, João Rodrigues de Sá, o famoso Sá das Galés, gritando Portugal! Portugal! A cerca da vila baixa foi logo levada de vencida e saqueadas as casas dos partidários de Castela. Aires Gomes e seus homens de armas, recolheram-se à vila superior,

<sup>1</sup>Pe. Torcato Peixoto de Azevedo "Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães", m. s. de 1692, pub. no Porto, Typ. da Revista, 1845, p. 396 -7, copiadas de Gaspar Estação, Cap. 56, N<sup>o</sup> 1.

que já dissemos ser murada sobre si. Aí organizaram a resistência e lutaram até que os sitiados e cercados acordaram em que Aires gomes mandou recado a Castela que se dentro de trinta dias não fosse socorrido, entregaria a vila, saindo os que estavam dentro com o que possuíam. Assim se fez, mas enquanto a resposta não chegava, um certo dia foi o pacto quebrado por um mal entendido, e tendo-se os portugueses lançado ao assalto dos muros, a mulher do alcaide, andava nos adarves entre a grita dos combatentes e o fumo do pez derretido com uma abada de pedras que ia distribuindo aos soldados. Chegou enfim a notícia que o Rei de Castela não socorria Aires Gomes e este logo entregou a vila. Começava Julho de 1385, e para a vila e para o país, chamado aos mais altos destinos, a era nova a iniciar-se, que duraria dois séculos".<sup>2</sup>

Afonso Lourenço de Carvalho, aparentado com a honra de Carvalho<sup>3</sup>, foi bem recompensado por D. João I: El-Rei estando em Guimarães, a 8-5-1385, "fez mercê das rendas e direitos das terras das Caldas, de juro e herdade, para todo sempre, para ele, seu vassalo, morador em Guimarães e seus descendentes"<sup>4</sup>. Seu sobrinho, Álvaro Roiz, Senhor da honra de Carvalho e seu padroado em Basto, casado com Dona Mécia da Cunha, "faz-lhe doação dumas casas em Guimarães na rua de Santa Maria, e a colegiada de Guimarães, passou-lhe prazo das mesmas em 1416"<sup>5</sup>. Filho de Lourenço Martins de Carvalho (ou Roiz?) e de sua mulher Branca Lourenço (recebidos em Lamego nos meados do século XIV), senhora do prazo de Souto d'El-Rei<sup>6</sup> "herda-o de sua Mãe, serve D. Duarte e D. Afonso V, e casa em Guimarães, com Dona Maior Roiz de Freitas, irmã de Paio Roiz de Freitas, valoroso guerreiro, a ajudar o cunhado na tomada da vila".

Vai-se seguir a linha descendente de Afonso Lourenço de Carvalho, até seu 9º neto, Tadeu Luís António Lopes da Fonseca de Carvalho e Camões, esplendoroso cortesão, Moço-Fidalgo da Casa d'El-Rei nosso Senhor, VII Senhor e Capitão-Mor Hereditário dos Coutos de Abadim e de Negrelos, com Jurisdição Cível e Crime em todas as suas povoações, Senhor das Torres e Solares de Camões, Sandim, Tormeiros, Montelongo, etc. etc. Padroeiro das suas Igrejas e quem mandou construir nas suas terras de Vila Flor e Cavalinho, o lindo palácio setecentista, ornado das estátuas de Reis, socalcos a cantarem em floridos canteiros.

Antes, que nos surja, engalanado de sedas e plumas, no fausto das suas festas e primores da sua Academia, imaginemos uma larga escadaria, cada degrau a evocar um nome, a longa linhagem a ligar Tadeu Luís António ao remoto

<sup>2</sup> João de Meira "Guimarães 950-1580" (conferência), in "Revista de Guimarães", vol. XXXI, ano 1921.

<sup>3</sup> Era Pº de Lourenço Roiz de Carvalho e m.er Branca Lourenço, Srª de Souto d'El Rei. Lourenço Roiz de Carvalho foi irmão pelo menos de João Roiz de Carvalho, c.g. reconhecida, in Eugénio de Andreia da Cunha Freitas e outros "Carvalhos de Basto", 1º fascículo, 1977; nas minhas "Velhas Casas X Paço e Honra de Gominhães" na nota 6; Felgueiras Gayo "Nobiliário das Famílias de Portugal", vol. IX, Carvalhos, e & os 1, 14, etc., etc.; Manuel de Sousa da Silva "Nobiliário" (Códice 304 da B.N.L, Bib. Pombalina, Livro 2º, titº 34, "Nobiliário manuscrito" do Padre Torcato, existente na Sociedade Martins Sarmento, onde também se estuda esta família e Alão de Moraes "Pedatura Lusitana". João Roiz e Lourenço Roiz, eram f.os, respectivamente 2º e 3º de Rui Lourenço de Carvalho (legitimado por carta d'El Rei D. Dinis de 25.6.1322) Cavaleiro-fidalgo, Admor. da Honra de Carvalho, e de sua m.er Inês Afonso, tronco duma imensa descendência, como se pode ver nos livros mencionados.

<sup>4</sup> "A carta Régia, datada de Guimarães de 8 Maio de 1388, faz mercê a Afonso Lourenço, vassalo d'el rei, morador em Guimarães, das rendas e direitos das Caldas, de juro e herdade para todo o sempre, para ele e seus descendentes." (Torre do Tombo, Chancelaria de D. João I, liv. 1, f. 35). Nesta doação, com a qual por certo D. João I agradeceu a Afonso Lourenço os serviços que lhe fez na tomada de Guimarães (V. Soares da Silva "Memórias de D. João I", p. 1194-1205) desenvolvendo um ardil que abriu as portas da vila às forças deste monarca. Trata-se da cedência da jurisdição e rendas in perpetuum, enquanto que na mercê confirmada três dias depois a Martim Fernandes de Freitas, como acima dissemos, somente se estabelece uma tença das rendas das terras reguengas, e talvez de alguns casais, dos muitos que a coroa, por aqui possuía. Por Carta régia, datada de Tuy a 10.10.1388, D. João I confere a Payo Sorodea a terra de Caldas - que trazia Afonso Lourenço - com todas as rendas, foros tributos, jurisdição cível e criminal, com reserva para a Coroa da correição e alçadas Payo Sorodea que entregara Tuy a D. João, voltou atrás pouco depois. Abade de Tagilde "Caldas de Vizela", in *Revista de Guimarães*, vol. XVI

<sup>5</sup> Abade de Tagilde "Arquivo da Colegiada de Guimarães" in *Revista de Guimarães*, vol. XXVII, p. 129, informação do Dr. Maurício Antonino Fernandes, notável genealogista.

<sup>6</sup> Vem em todos os nobiliários mas não confirmei.

avoengo que representa. Lá das alturas, na pesquisa e confirmação dos nobiliários, no apoio num ou noutra documento, principia-se no primeiro degrau, a tratar de um dos filhos<sup>7</sup> de Afonso Lourenço: Gonçalo de Carvalho, sucessor a seu pai, morador em Guimarães, vassalo dos Reis D. Duarte e D. Afonso V. Casa na vila com Lucrecia de Freitas.

Desce-se mais uma geração. Foi seu primogénito Martim Afonso de Carvalho, a servir em Guimarães a D. Afonso V e a D. João II. Do seu casamento com Dona Maria de Alvim só tem meninas, a mais velha e herdeira é Dona Leonor Afonso de Carvalho; Dona Beringeira Gil e Dona Senhorinha Afonso são as outras duas. Quebra-se a varonia.

Casa Dona Leonor Afonso com Lopo Sanches, mencionado nos nobiliários. Ei-lo: "Fidalgo Castelhana que por um homizio se passou a Portugal e fez seu assento na villa de Guimarães em huas casas na rua de Santa Maria que se desfizerão quando se fez o Mosteiro das Freiras de Santa Clara daquela villa, erão com seu quintal prazo do Cabido da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira" o apelido Soutomaior a enfeitá-lo.<sup>8</sup> Num documento de 16.2.1491, um Lopo Sanches (será o mesmo?), mercador e morador em Guimarães, "homem de um milhão de fazenda e peitante", sucede, por óbito do anterior no ofício de Porteiro da Maça da Colegiada de Nossa Senhora. Conserva "o privilégio de ter a liberdade e franqueza que tinham os outros caseiros". Contestam-no os "lançadores do almoxarifado do serviço dos cem mil cruzados que os povos outorgaram a el-rei para o casamento do príncipe real seu filho" Protestam: - "O privilégio agrava muito a vila!"<sup>9</sup> Nada conseguem.

Aproveita-se um imaginário patamar para discorrer sobre os filhos de Lopo Sanches e Dona Leonor. O mais velho chama-se Diogo Lopes de Carvalho. Sucessor, do Conselho d'el Rei, do Desembargo do Paço, Moço-Fidalgo da Casa Real. Compra os Coutos de Abadim no concelho de Cabeceiras de Basto e o de Negrelos em Refojos de Riba d'Ave (actual Santo Tirso)<sup>10</sup>. Funda na vila, nessa época remota, a casa na Rua da Cadeia, e ao procurar-se, entre o bafo dos papéis podem aparecer os prazos de Vila Flor, Cavalinho, Minhoto e Minhotinho na freguesia de Santo Estevão de Urgeses, muitas mais terras e propriedades. Com todas, no faustoso reinado do Venturoso, institui um morgadio, cuja cabeça é o altar de Santo António, no Convento de S. Francisco de Guimarães, "com nobres jazigos"<sup>11</sup>. Sua mulher, Leonor Machado, ao enviuvar casa outra vez: com Luiz Nunes, Guarda da Casa da Índia<sup>12</sup>. Não há filhos do seu casamento, seguem os bens vinculados no sobrinho do instituidor, filho de sua única irmã, Dona Brites Lopes de Carvalho, pois dos outros irmãos, Fernão Lopes de Carvalho, matriculado em Braga a 4.3.1479 e Martim Lopes de

<sup>7</sup> O "Nobiliário de Manuel de Sousa da Silva" (nota 3), dá-lhe também por filho a Diogo Afonso de Carvalho, Corregedor em Trás-os-Montes, e sepultado na Colegiada de Barcelos. Casado com D. Branca Pinheiro, deles descendem os Morgados do Poço, em Lamego; Gayo no & 58 dá mais irmãos a Gonçalo Afonso.

<sup>8</sup> *Nobiliário das Famílias de Portugal* (nota 3) Carvalhos & 25.

<sup>9</sup> João Lopes de Faria "Arquivo da Colegiada de Guimarães" in *Revista de Guimarães*, vol. XXXV, Doc. 20º

<sup>10</sup> S. Jorge de Abadim no concelho de Cabeceiras de Basto é Couto e Abadia com o mesmo padroeiro. Pertenceu a João Leite Pereira, da casa do Campo, que o vendeu em Lisboa a Bartolomeu Machado, e este ao Dr. Diogo Lopes de Carvalho "El-Rey fez mercê de ficar de juro e Herdade para seus descendentes, com Jurisdição Cível e Crime, e de poder por si e seus ouvidores fazer as Eleições e oficiais da Câmara, com poder de conhecer por si e seus Ouvidores das apelações que sahisses diante dos Juizes de Abadim que he no que tem estas Regalias porque no de Negrelos suposto seja de Herdade so tem a jurisdição cível, com poder de so apresentar o Porteiro, os quais Coutos vinculou com a Capela de Santo António, e nomeou o dito vinculo em seu sobr.º o Dr. Gaspar de Carvalho, Morreo o Dr. Diogo Lopes de Carvalho S. G.", in Gayo (nota3) Carvalhos & 26 N 11 & 25.

<sup>11</sup> Livro citado na nota 1 na p. 361.

<sup>12</sup> Joaquim Veríssimo Serrão *Itinerários de D. Sebastião*, vol. I p. 40. Amável informação do Dr. Maurício Fernandes.

Carvalho, clérigo minorista, apresentado pelo Cabido em S. Gens de Montelongo<sup>13</sup>, também não há geração.

Se o altar, cabeça do morgadio, era bonito, se a imagem de Santo António magnífica, nada deles resta. Mexidos na grande reconstrução da Igreja em 1627, modificados noutras obras, substituídos no correr dos tempos principalmente nas de 1746-49, altar e imagem continuam lindos, Santo António milagroso e venerado. Ainda, em 1895, se descortina, no desvão superior do então altar "um brasão que deveria ter encimado o arco primitivo do altar, e em volta ainda se lia, posto que com dificuldade: DI ... LP DE CARVALHO CÃ. F. DEL REY D. M.EL" <sup>14</sup>.

Brites Lopes de Carvalho, a mana, casou primeiro com Fernão Nunes de Meireles, dele só tem uma filha, donde virão os Vieiras, progenitores dos Marqueses de Lindoso<sup>15</sup>. Ao enivuar, passou a segundas núpcias. Correm-se os ferrolhos das portas dos Paços dos Duques de Bragança. Este segundo marido é copeiro-mor do Duque D. Fernando. Chama-se Gonçalo Dias e embora alguns lhe acrescentem Abreu, o verdadeiro nome "é Gonçalo Dias Patagana e era n.al da freguesia de Meinedo tr.º de Bragança e f.º de hum Lavrador pobre da mesma freg. ao qual o Abb. e da d.º freg.º ..... Riconado Capelão do Duque de Bragança D. Fernando pedindo o dizimo, lhe respondeo o d.º Lavrador que não tinha o d.º Lavrador do q lho pagar so se fosse de dez filhos q tinha, e q se quizesse lhe daria hum, o q o d.º Abade aceitou, que foi este Gonçalo Dias, q o criou em sua casa, e depois o meteo ao serviço do duque, viveu em G.es" <sup>16</sup>.

Patagana! Patagana! Copeiro-Mor, marido de Dona Brites, de quem teve "hum f.º e sete f.as todas casadas com homes m.t.º cavaleiros e principaes de nobreza conhecida por quem se disse na corte d'el rey dom manuel que fazia admirar atreverse hum home a cazar seis filhas<sup>17</sup> todas igualmente na nobreza"<sup>18</sup>.

Continua-se no patamar fantasiado. O Doutor Gaspar de Carvalho, o único varão de Gonçalo Dias, o Patagana e sua mulher Dona Brites de Carvalho, o herdeiro do tio nos bens e morgadio, entretêm esta pausa com os seus feitos. Provisor em Braga sabe da agonia do Senhor Arcebispo D. Frei Diogo da Silva. El-Rei usando o seu privilégio deseja o cargo para o seu filho natural o senhor D. Duarte de Portugal, estudante no Mosteiro da Costa. O Doutor Gaspar de Carvalho, tem cartas do monarca, despacha para Braga, a defender os interesses régios e inventariar os haveres do Arcebispo, o Corregedor Ilário Dias. Esbarra este com as maiores dificuldades. Dignidades, cónegos e cabido de Braga fecham-lhe as portas e janelas do Paço, fazem-se surdos aos seus constantes apelos. Ciosos de prerrogativas que julgam

<sup>13</sup> Livro das Matrículas no Arquivo distrital de Braga e a apresentação pelo Cabido no "Archeologo Português", vol. XIII, p. 98. Informações devidas à amabilidade do Dr. Maurício Fernandes.

<sup>14</sup> João Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde Guimarães e Santo António Edição Freitas e C., Guimarães, 1895, p. 129-31 e 136-41. Por encargo do vínculo instituído pelo Dr. Diogo Lopes de Carvalho, rezava-se nesse altar cinco Missa cantadas e uma rezada.

<sup>15</sup> Foi D. Maria Nunes de Meireles, casada com João Vieira, o Moço. Com muita geração. Ver o meu "Velhas Casas VIII Casa do Cano ou Salvador", onde trato da sua descendência: Marqueses de Lindoso, Valadares, etc.

<sup>16</sup> V. Gayo (nota 8) no & 26 e "Pedatura" (nota 3).

<sup>17</sup> As seis casadas foram: D. Isabel de Carvalho x. c. Pedro Cardoso do Amaral, F. C. R. instituidor do Morgado de Paço de Nespereira, c.g. (Morgados e Viscondes de Paço de Nespereira, Condes de S. Martinho, Morgados de Paredes em S. Martinho de Mouros, etc., etc.); D. Leonor de Carvalho x. c. Diogo Rebelo de Meireles, Cavaleiro, C.G. (V. o meu "Casa do Cano ou Salvador" acima e no "Velhas Casas IX a Casa de Sezim"); D. Filipa de Carvalho c. Dr. Francisco Dias do Amaral, Dzor. do Paço, Com.or De S. Miguel da Caparozza em Viseu, M.F. da C.R. "por premder uns vandoleiros em Évora", c.g. (ramo de Gouveas e Figueiras); D. Ana de Carvalho x. c. João Afonso dos Quintos, Fid. d'El Rei D. Manuel a quem emprestava dinheiro para a preparação das naus da Índia, c.g. (V. o meu "Velhas Casas V Casa de Pousada"; Peixotos, Morgados de Carvalhos, Conde de Cavaleiros etc.); D. Margarida de Carvalho x. c. Simão Rebelo de Meireles irmão de seu cunhado Diogo c.g. parece que extinta; D. Catarina Dias de Carvalho c. Giraldo Ribeira c.g. (Pedatura), a f.º solteira freira em St.ª Clara do Codeçal no Porto.

<sup>18</sup> Pedatura (nota 3).

ter, esmagam o enviado do Rei com as maiores revezes. Há autos, movimentos da justiça. Escreve o Doutor Gaspar de Carvalho:

"Senor

Quando cheguey aesta villa de guimarães aচেy que era fallecidoavia dous dias o arcebispo debraga escrevy logo ao corregedor desta comarca lebrandolhe que acudise laa e fizesse ho que conpria ao serviço de v. a. e lho fizesse logo saber se já o nom tinha feito e elle estava já em braga fazendo seus actos e me escreveo que tinha jaa enviadosdous mensageiros a v. a. . E ontem chegou ho corregedor aquy me dise como enviava a v. a. os que fezera porque o nom tenho acerca disto escrever. E ainda que v. a. tenha lembrança de tudo me pareceo que lho devia lembrar quanto seria seu serviço tornara jurdição desta cidade de braga aacoroa dando aa Igreja e dignidade archebiscopal alguú mosteiro ou rrenda outra em maneira que a Igreja nom perca seu. Do que se seguiria grande quietação ao prelado e teria tempo pêra entender e prover no espirital que elle bem há mester e aos vassalos de v. a. se administraria Justiça. E a cidade e moradores della averiam que v. a. lhe fariam niso tanta merçe quanta toda esta terra rreceberia segundo homem quaa ve em lhes v. a. dar por prelado ao S.or dom Duarte. Praza a nosso Senhor acrescentar a vida e rreal estado de v. a. por longos annos.

De Guimarães a xxij de Setembro de 1541

Gaspar de Carvalho"

(T: T. gaveta 2, maço 9, doc. N.º 35)<sup>19</sup>.

Em Agosto do ano seguinte Gaspar de Carvalho é despachado para o Porto, a ajudar os trâmites da Inquisição, o sinistro e purificador tribunal.

"Doctor Gaspar de Carvalho, Amigo, etc.

Eu escrevo ao Provisor desse arcebispado que vaa a cidade do porto pera nestes tres meses de ferias que se acabam por dia de Sam luqas ajudar a despachar os feitos da Inquisição com o bispo do porto e o lic.dr Jorge Rodrigues e os mais accessores que o bispo pera isso tomar. Muyto vos rrecomendo que encarregues tambem da minha parte e entretanto que ele la estiver trabalhares que os da Relação segurem seus carregos nam pereçam

Rey"<sup>20</sup>.

Filas de penitentes, cruzeiras alçadas, de corpos a desfalecerem. Fúnebres cortejos a atravessarem o Porto, o Doutor Gaspar de Carvalho a auxiliar o Senhor Bispo nas terríveis sentenças da Santa Inquisição. E os ais e choros de tanta vítima, culpada ou inocente, varrem-se com o tempo no socalco imaginado. Ao acompanhar os passos do Doutor Gaspar de Carvalho, Senhor de Abadim e Negrelos, Moço Fidalgo da Casa Real, já Chanceler-Mor do Reino, enche-se o patamar de música, de cor, de movimento. Faz parte do séquito, que em fins de 1543, leva a princesa Dona Maria, dilecta filha d'El - Rei D. João III para Castela, para casar com o Príncipe Filipe, herdeiro da Coroa do Império de seu Pai, o grande Carlos V.

Em Lisboa, das janelas do Paço, o Rei espregueira os preparativos, a entreter com os olhos a dor da separação. Passa o Senhor Arcebispo "numa mula muito formosa", guarnecida a preto. Vêm quatro homens a cavalo, vinte a pé, os moços

<sup>19</sup> Alfredo Pimenta "Para a História do Arcebispado de Braga" in Boletim de Trabalhos Históricos, vol. IV, n.º 1, p. 1 a 13.

<sup>20</sup> "Carta para o Provisor de Braga dr. Gaspar de Carv.º e o Bacharel Gomes Afonso irem ao Porto ajudar no despacho dos feitos da Inquisição" de 18. Agt. a 18. Set. 1542, in "Arquivo Histórico Português", vol. VII, p. 196.

da sua câmara e os oficiais, agasalhados com forros de martas e cordeiros postos em cetins e damascos. Desfilam mais o arcediogo, muitos senhores e Cónegos. Tudo se mexe, se movimenta.

Na segunda-feira a Princesa e seu Augusto Pai, à janela do Paço, "Dão vista às cincoente e sete azemolas todas de reposteiros brancos e azuis, barrados e cortapisados de verde e vermelho" a ostentarem as armas reais. Carregam o enxoval da Princesa. Em grupos de três, vergados com tanto peso transportam ferragens, "mantearia", baixela da mesa, jóias, prataria, arreios, imagens e altares, serviços de copa e cozinha. A última muar leva a cama com o seu reposteiro. Detrás o moço de alforje, montado num macho, enfeitado a oiro e prata, seguido de muitos moços, ricamente ataviados. Mostram-se à Princesa; seguem para a Ribeira onde embarcam.

Lisboa exulta em festas: danças, folias, invenções e monos percorrem as ruas. Pelas nas barcas alegam o rio, tudo engalanado. Na quarta-feira parte a Princesa. A artilharia troa, ribomba pela cidade, ecoa pela charneca. Navega para Alcochete. Em Aldeia Galega está a postos o Duque de Bragança, os alabardeiros com charamelas, os fatos a faiscarem, as bestas dos aguadeiros guarnecidas a amarelo, emplumadas com as armas do Duque, a música a soar nas estalagens. Quinta-feira dorme-se em Alhandra.

No sábado entra o cortejo em Montemor. A Princesa vem em andas, "o rosto parecia saudoso". À sua mão direita vem o Duque de Bragança, à esquerda o Arcebispo de Lisboa, no meio o Embaixador de Castela. Foguetes, charamelas, cento de cavaleiros, as damas, toda a companhia, a noite a clarear com foguetório e "mimos". No domingo a Princesa está cansada, levanta-se tarde, não ouve Missa. De tarde assiste da janela à tourada.

Évora recebe-os na segunda à tarde, o Duque de Bragança a exceder-se: mais de 400 homens a cavalo, arcos e florès a enfeitarem as ruas até à Sé "cuidando que a princesa lá ia, mas não foi". Houve três "folias de librés", correram-se nove touros. Quarta-feira viajaram para Estremoz. Está Dona Maria indisposta. Almoça dentro das andas, os fidalgos às portinholas, toadas de harpa, violas d'arco a soarem, dois moços do Duque a cantarem. Na passagem por Évora Monte soa a artilharia.

Mais três dias: Estremoz, a Princesa a cavalgar ao Mosteiro de Santa Clara, folia de librés, danças de moças e homens de arcos e duas pelas. Montemor adornada com colchas e arcos, castelhanos embuçados a surgirem, Elvas num esplendor: o Duque a oferecer um banquete de pavões assados e perdizes em pastéis. Correm-se sete touros. Entram-se em salas e câmaras armadas de tapeçarias, dóceis de brocado e sanefas de veludo carmesim. Em todo o percurso só há brilho e grandeza.

A entrega no Caia causa dúvidas. O Duque de Olivares, representante de Castela, quer ir à direita da Princesa e não o Senhor Arcebispo. O protocolo agita-se. "As dúvidas foram tantas que a Princesa disse que se o Arcebispo não fosse a Castela, ela não iria, pois ele não vinha como Arcebispo mas sim como seu parente. Consultou com Gaspar de Carvalho, o Arcebispo e o Duque de Bragança".

Prevaleceu a tese portuguesa. Terça-feira chegou à Raia. Saiu das andas, montou numa mula toda coberta de brocado, deu o beija-mão, o Arcebispo à direita, o duque de Bragança à esquerda. "E o Duque de Bragança disse ao duque de Medina: Duque El-rei meu Senhor me mandou que vos entregasse a princesa Dona Maria sua filha para a entregares ao muy esclarecido e excelente Príncipe D. Felipe, Príncipe de Castela, filho do Imperador D. Carlos. E estando o dito Duque de Bragança a cavalo se abaixou e tomou a mula da Princesa pela rédea e a entregou ao dito Duque de Medina.

E o dito Duque de Medina se abaixou do cavalo sem barrete e tomou a dita mula pela rédea e disse se avia por entregue da dita Senhora em nome do Príncipe para lha entregar. E esta entrega foi depois de amostrar os poderes que o Príncipe pera que lhe entregassem. E disto se fez hum auto o qual foi assinado pelo Duque de Bragança e Sua R. S. o barão e Camareiro-mor e o conde de olivales e diziam que em elas aviam de assinar outras pessoas ho acabar de concertar o dito auto de entrega. Beijarão a mão ha Princesa o Duque de Bragança a quem fez muita honra e o barão e camareiro-mor e outros fidalgos e olhando para todos los de Portugal se lhe encheram os olhos daguoa como quem se despedia deles e ouve grande pranto de damas. E assim partiram para Badajoz". Espera-a o palácio do Duque de Medina Sidonia: colgaduras de seda matizadas a oiro, bufetes e camas de prata, músicos índios com as armas do duque em chapolas de prata nos peitos, e lá segue a Princesa em esplendoroso cortejo de Grandes, pagens e damas.

Albuquerque, Alcantara, Sarza, Coria, quem recebe melhor, onde há mais magnificência? Rumo a Salamanca onde vai casar. A 7.1.1543, o príncipe D. Felipe ansioso por ver a noiva, espreita-a com numeroso séquito, disfarçados de caçadores. E Salamanca festiva, repleta de cavaleiros e doutores recebe a nova Princesa de Castela a entrar "montada numa mula toda coberta de brocado e trazia a destra huma jaca e hua mula com as proprias guarnições com que entrou na raia. E ella vestida de branco brocado com umas romãs de vermelho e huma goorjeira de ouro muito rica e hum chapeu pequeno de cetim branco e huma pluma branca e huma capa de veludo pardo toda martelada de ouro pelas bordas e o capello. E diante della hia logo Sua R. S. antre o Duque de Medina e Gaspar de Carvalho e dalem do Duque de Medina hia o bispo de Cartagena e dalem de Gaspar de Carvalho o Bispo de Lião Capelão-Mor da Princesa e alem os Reis d'Armas....".

A 12.11.1543 recebem-se os Príncipes numa cerimónia a durar cinco horas. Depois riem-se e conversam um com o outro, satisfeitos por se conhecerem. A 19 retiram, depois de muitos festejos, para Valladolid. A 1.2.1544, ali mesmo em Valladolid, "Dom Aleixo de Menezes, Mordomo-Mor da Caza da Princesa de Castela e Gaspar de Carvalho, embaixador d'El Rei Nosso Senhor e André Soares por parte de S.A. e pelo Príncipe Luis Sarmento de Mendonça Estribeiro Mor da dita Princesa e o Contador Andres Martinez de Andarze pezam e avaliam a prata ouro e joias de ouro e pedrarias<sup>21</sup> que trouxe a dita princesa e chamarão os Ourives..."<sup>22</sup>.

E em Valladolid, a 12.7.1545, dobram os sinos, chora Castela. Quatro dias depois de dar à luz, o débil Príncipe D. Carlos, dilacerada, exausta pelo sofrimento, entrega a alma a Deus, a linda Princesa Dona Maria, primeira mulher do Príncipe D. Felipe<sup>23</sup>. Na enlutada corte portuguesa, junto do Rei que muito o estima, continua a seguir-se a vida de Gaspar de Carvalho, "Chanceler-Mor em seus reinos e senhorios, do seu concelho, desembargador do paço e petições",

<sup>21</sup> É muito curiosa a lista: cruces, crucifixos, cálices, galhetas, castiçais, caldeiras, incensórios, campainhas, estantes, lâmpadas, bacias, candelabros, tudo em prata, algumas com pedrarias; imagens variadas. Para copa e cozinha - talheres de prata: muitas colheres, alguns garfos, poucas facas. Pratos de prata, 153 bacias pequenas, 32 escudelas, oveis, almaraxas, porcelanas, alguidarinhos, confeitarias, frigideiras de prata, tigelas de frigar, taças, gomis, saleiros, etc. Para os aposentos: perfumadores, um poma Candil, palmatónias, brazeiros, esquentadores de cama, tacho de perfumar luvas, tesouras de espevitar, tinteiros, poeiras de prata, escalfadores. Patraneadeiras (fitas para prender o cabelo). Para passeio: massas grandes, estribos, andilhas, guarnições de veludo e outras, copões, copos de prata, taboas de cavalgar de prata. Jóias: 1 "alcorio" de ouro, braceletes, cordões, pedras de cristal, cadeias, colares, cintos jazerinos, botões de oiro, pares de ponta de oiro, pentes, tiras testas, crochets de oiro, dormideiras de oiro, tiras de cabeça, cintos de oiro, cofrinhos de oiro, arrecadas, anéis etc. Livro de horas de N. Senhora, o Diurnal com broche de oiro, os de madrepérola, os iluminados, etc. Do rol também constam cestinhos de verga e alcoforeiras.

<sup>22</sup> Toda esta viagem é resumida do "Diário da jornada da Infanta Dona Maria Princeza das Astúrias" (Este papel foi copiado dos livros do Marques de Castelo Rodrigo, D. Cristóvão de Moura, que estão na Livraria do Conde da Ericeira) in D. António Caetano de Sousa "Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa", Tomo III, Lisboa na Regia Oficina Silvana e da Academia Real, M.DCC. XLIV, p. 113 a 193, com especial destaque ao falar-se do Dr. Gaspar de Carvalho e algumas referências do P.<sup>e</sup> Enrique Florez "Memorias de las Reinas Catolicas de España", Madrid, MDCCLXI, Tomo II, p. 429-37 - Princesa Dona Maria de Portugal, mujer primera de Don Felipe II.

<sup>23</sup> Legitimação de um filho de Sebastião de Carvalho, capelão e beneficiado na Igreja de Cernancelhe, antes de ser clérigo de Missa". O Doutor Gaspar de Carvalho, Chanceler-mor em seus reinos e senhorios, do seu concelho, desembargador do paço petições envia a carta em Lisboa a 24.1.1555. (T.T. Chancelaria do Rei D. João III, Livro 23 das Legitimações e Perdões, f. 240) in primeiro livro mencionado nota 20 p. 332 - Os Antepassados de Pombal.

a entregar uma carta, a 24. I. 1555. Presenteou-o D. João III com "soberbas madeiras de ébano". Forra com elas a sua casa no Largo da Misericórdia, levanta-lhe a torre, a atestar a sua nobreza, janela incrustada de mármore<sup>24</sup>.

Testamenteiro d'El-Rei, todo enlutado encontra-se a 14.6.1557 nos Paços da Ribeira em Lisboa. Jura sobre os Santos Evangelhos que o soberano antes de morrer nomeara tutora e curadora de seu neto e a Regência do Reino a Rainha Dona Catarina, em "hum artigo que não chegou a assinar". Ordenou que obedecessem em tudo à Rainha "o Príncipe meu Neto, o Cardeal meu Irmão e D. Duarte meu sobrinho". Na sala dos paços, não longe onde ainda brinca El-Rei D. Sebastião pode-se ver a tratarem da complicada conjectura "a muito alta e Poderosa Dona Catarina, o Ill.mo e Rev.do Senhor Cardeal Infante D. Henrique, irmão do dito Senhor Rey, o Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte que Santa Gloria aja sobrinho do dito Rey o Senhor D. Antonio filho do Infante D. Luis que Santa Gloria aja sobrinho do dito Senhor Rey, D. Teodósio, Duque de Bragança e de Barcelos e D. Joham Duque Daveiro, e Marques de Torres Novas, e D. Fernando de Vasconcelos Arcebispo de Lisboa e D. António de Portugal Conde de Vimioso, Veador da Fazenda do dito Senhor Rey e Joham da Silva Regedor da Casa da Suplicação e D. Rodrigo Lobo Barão Davito Veador da Fazenda do dito Senhor Rey e o Doutor Gaspar de Carvalho Chanceler-Mor destes Reynos e Senhorios dele e Simão de Mello e o Lic. do Francisco Dias todos trez Vereadores...". Entregam todo o poder à Rainha<sup>25</sup>.

Em muitos mais documentos e obras aparecem notícias da agitada vida do Doutor Gaspar de Carvalho, eminente vimaranense. Bastam aqui os leves traços de alguma documentação e espalhar por este hipotético patamar os nomes e novas dos filhos do seu primeiro casamento com Dona Maria de Aguiar, filha de Rui Gomes e os do segundo casamento com Dona Maria de Torres, que dizem ser genovesa, recolhida depois de viúva, no convento de Santa Clara em Lisboa, falecida em odor de santidade<sup>26</sup>.

Filhos do 1º casamento:

1º- João Lopes de Carvalho, matriculado em Braga em 1543<sup>27</sup>, serviu em Palácio no tempo d'el Rei D. João III, Cavaleiro do Hábito de Cristo, faleceu solteiro.

2º- António Lopes de Carvalho, casou no Porto com D. Melicia Carneiro, filha de António Carneiro, não tiveram geração.

<sup>24</sup> José Freire Monterroyo Mascarenhas, conceituado genealógico, no *Guimarães Festiva*, descreve assim a casa da rua da Cadeia em 1728: "He situado o palácio que aquele fidalgo tem naquela vila, na praça da Misericórdia, a que ali dão o nome de Terreiro. Tem huã magnífica fachada de 200 palmos de extensão com janelas à moda e huã sumptuosa cimalha povoada de ameias, hieroglífico de sua nobreza e antiguidade. Ficalhe de huã parte contigua e como cabeça deste corpo huã alta torre de duas ordens de espaçosas janelas adornadas de colunas de excelente marmore, que a grandeza do senhor Rey Dom João III, no tempo em que se fazia esta obra mandou a Gaspar de Carvalho, Senhor de Abadim e Negrelos que foy seu Embaixador Extraordinário na Corte de Hespanha, IV avô deste Cavalheiro, as quaes por dadia por mão tam soberana, contra o gosto da moderna architectura, se conservão na mesma forma, ainda depois de reedificada a Torre. Esta se coroa com hum zimbório guarnecido de piramides e ameias, e he o seu remate huã figura de bronze de altura de oytto para nove palmos; que empunha com a mão direita hua espada, e abraça com a esquerda hum escudo; representando hum Anjo, ou como tutelar da Villa, ou como symbollo do valor com que os Senhores desta Casa a sustentarão em outro tempo na obediencia dos seus Reys naturaes, e a defenderem contra a expurganação dos seus oppostos".

<sup>25</sup> "Instrumento porque foi declarada a Rainha Dona Catarina tutora de seu neto como ordenou El-rei seu marido em hum artigo que não chegou a assinar. Authentico que tenho em meu poder", in volume mencionado na nota 23, p. 17 a 23.

<sup>26</sup> in *Padre Esperança*, 2ª p. liv. 7, cap. 12 no Gayo (nota 3) & 26.

<sup>27</sup> Primeira referencia da nota 13.

3º- Jerónimo de Carvalho, foi para a Índia, lá ficou, teve duas meninas das quais não ficou descendência.

4º- Gonçalo Dias de Carvalho, formado em letras, faleceu Abade de S. Lourenço do Sul e foi prebendeiro do Cabido da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães de 1585 a 1595<sup>28</sup>.

5º- D. Brites de Carvalho casada com Duarte Dias de Menezes. C.G.<sup>29</sup>.

6º- D. Catarina de Carvalho, freira em Stª Clara do Codeçal no Porto.

E do 2º matrimónio:

7º- Luís Lopes de Carvalho, com quem se segue.

8º- Diogo Lopes de Carvalho, cativo em Alcácer-Quibir, casado em Lisboa com Dona Isabel Valente, filha de António Valente, Tesoureiro do Fisco e de sua mulher Maria de Carvalho e irmã de André Valente, Vereador em Lisboa. C.G.<sup>30</sup>.

Desce-se mais a escadaria. É o último lance: cada degrau uma breve paragem para mencionar um nome, umas leves referências. Tudo num rápido, num escantilhão. Atente-se: "Luís Lopes de Carvalho, Sucessor a seu Pai, senhor de Abadim e Negrelos, das casas em Guimarães, etc., Provedor da Misericórdia de Guimarães, chanceler da Casa da Suplicação em Lisboa, aí jaz em túmulo próprio na Igreja de S. Domingos. Casou com Dona Mecia de Eça (oito filhos: o sucessor, dois a morrerem pequenos e um novo e quatro raparigas s. g.)", a trazer aos Senhores de Abadim o irrequieto sangue dos Eças, varonia real<sup>31</sup> ensanguentada pelo punhal do Infante D. João cravado na sua inocente Mulher.

À pressa, desce-se mais um. "Diogo Lopes de Carvalho, sucessor a seu Pai, Senhor de Abadim e Negrelos, cuja jurisdição lhe foi confirmada por El-Rei D. Sebastião<sup>32</sup>, Moço-Fidalgo da Casa real, Provedor da Misericórdia de Guimarães em 1629". De seu primeiro casamento com Dona Maria de Castro, vêm-lhe os morgadios da Camoeira (Camões) e Foncecas em Évora e têm: Luís, o herdeiro, Dona Constança de Castro, casada com Manuel de Valadares, com geração extinta e duas

<sup>28</sup> "Boletim de Trabalhos Históricos", vol. IV, p. 37

<sup>29</sup> V. o meu "Estes são os dias de Menezes de Guimarães", 1989

<sup>30</sup> Foram seus filhos: a) Gaspar de Carvalho, Fid. C.R., Cavª Prof. na O. de Cristo-Elementos das Hab. das ordens militares dos princípios do séc. XVII - Letrado, Contador-Mor, viveu em Lisboa no Chafariz dos Cavalos, herdou o morgado de seu tio André Valente, casou com Dona Jerónima Correia. s. g. b) António Lopes de Carvalho que depois de ter dois anos na Universidade de Coimbra, se meteo "frade Leigo na Província da Piedade aonde faleceu com boa opinião".

<sup>31</sup> Descendem os Eças do Infante D. João (filho d'El-Rei D. Pedro I e de D. Inês de Castro) e de sua m.er D. Maria Teles de Menezes, por seu filho: Dom Fernando, Sr. De Eça na Galiza, donde tirou o apelido, passando à história como seguidor do Alcorão e casado com muitas mulheres. O primogénito de Luís Lopes de Carvalho e D. Mecia de Eça foi Gaspar, falecido anjo, nome a repetir no filho terceiro. No M1 da fregª da Oliveira (Arq. Mun. A Pimenta) aparecem um Simão, Bap. em 1594 e uma Maria em 1597, f.os de Gaspar de Carvalho e sua m.er D. Isabel. No mesmo Lº está o assento de casamento de Gaspar de Carvalho com Leonor de Maçoulas em 1598 e um Gaspar de Carvalho é padrinho em 1586. Nos notariais do mesmo Arquivo, em 1591 (Lº 9-3-52, cota antiga), Gaspar Lopes de Carvalho apresenta uma petição de D. Brites Pereira e a 29.9.1598, (Lº 2-2-51, cota antiga), Gaspar Lopes de Carvalho, F.C.R. e m.er Leonor de Maçoulas, vendem umas casas na rua dos Gatos. Sabe-se que Gaspar de Carvalho foi Prebendeiro do Cabido em 1590 e 1591 e (outro?) Provedor da Misericórdia em 1606. Qualquer destes, ou todos, podem ser o filho de Luís Lopes de Carvalho, casado, e por seus filhos terem morrido pequenos, a Casa passar para o irmão imediato.

<sup>32</sup> T.T., Confirmações Gerais, Lº 11, f. 182 e Lº 13, f. 223.

freirinhas no Convento de Évora: Dona Maria de Castro e Dona Maria de Eça. E a casa da rua da Cadeia enche-se dos risos dos sete filhos<sup>33</sup> havidos do segundo matrimónio com Dona Antónia de Faria, Senhora do Morgado da Torre em Barcelos.

Pouco falta para chegar ao fim. Luís Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, sucessor a seus Maiores, Moço-Fidalgo da Casa Real, assassinado em sua casa por uns mascarados a 13.6. 1648. Cobre-se de crepes a sua viúva, Dona Ana da Silva Almeida, dos Morgados da Rua Escura, casa, por onde entrou por sua mãe, a nobilíssima dos Senhores de Penafiel Adais-Mores do Reino<sup>34</sup>, as criancinhas de luto pesado. Tiveram:

1º- Dona Guiomar da Silva, bap. na Oliveira a 22.9.1643, fal. solteira a 23.1.1713. Esteve noiva; o noivo faleceu em combate na Índia.

2º- Diogo, bap. a 8.8.1644, morreu anjinho.

3º- Gonçalo Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, que segue.

4º- Diogo bap. a 23.8.1646.

5º- Dona Maria Jerónima, bap. a 8.10.1647, fal. menina.

6º- Dona Luísa, nascida depois do falecimento do Pai, baptizada a 17.10.1648<sup>35</sup>.

Último desta resenha: "*Gonçalo Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, bap. a 29.9.1645. Senhor de toda a Casa de seus Maiores, Moço-Fidalgo da Casa Real*". Quem leu as "*Velhas Casas*", encontrou-o na companhia da mãe ao comprar a Casa dos Pombais em 1661, logo hipotecada; na sua felicidade ao casar no Oratório da Casa do Arco a 2.10.1669 com Dona Jerónima Ferreira de Eça, presumível Morgada, os custos de prataria, os valores que traz à casa da rua da Cadeia, a ajuda a dar ao cunhado Manuel Santiago Ferreira de Eça no pleito a envolver o Arco em 1683. Vêem-se os anos felizes, desfeitos pela morte de Dona Jerónima, sem deixar filhos.

<sup>33</sup> Foram: a) António de Faria de Carvalho, sucessor a sua Mãe no Morgadio da Agrela x c. D. Antónia Perpétua de Castro, sg. Dá-lhe o Gayo um bastardo: Manuel Carlos Barreto de Faria, a viver em Abadim x com Luísa de Sousa, pais de 2 meninas, a provarem esta ascendência por uma acção a reivindicarem um prazo em Barcelos; b) Frei Jerónimo da Natividade, Frade de S. Francisco e bom pregador; Bap. na Oliveira a 18.1.1633 (NI Oliv.); c) Frei João de Eça, Frade de S. Domingos e Pregador; Bap. a 14.12.1634 na Oliveira (mesmo livro); d) Manuel de Carvalho de Eça, gêmeo com o seu irmão João, Moço-Fid. da C.R., Abade de Abadim, capelão da C.R., herdou os Morgadios de seu irmão Manuel, por este não ter geração legítima. Em seu testamento de 7.1.1695 (Tab. Clemente de Faria de Barcelos, inf. no Gayo, Farias) reconhece 3 fós.: a) antes de ser ordenado de Ordens Sacras, em Marta Gomes - Manuel de Faria de Carvalho, que legítima por Alvará Régio de 30.7.1686 para poder herdar; clérigo, despossado dos seus direitos pelos Cunhas Soutomaiors, Morgados de Belinho, ao provarem serem a linha directa e sem bastardia dos da Agrela; b) depois de ser sacerdote e em Maria de Sousa - D. Antónia de Faria de Carvalho, legitimada por Alvará Régio de 19.10.1686 (ambos na T.T., Chancelaria de D. Afonso VI, Lº 5, fl. 262); c) e em Maria Coelho, Maria de Sousa x com Domingos Luís, tamanheiro, pais do Padre Luciano Luís de Sousa Coreiro de S. José e Benta Josefa x com Vicente Marques Braga, Escrivão do Almojarifado em Barcelos, O Engº José Ernesto Machado de Menezes de Sousa Fontes, consciencioso genealogista, descobriu no Arquivo de Barcelos o Baptisado a 19.10.1657 de Manuel, cuja Mãe, Maria Nogueira, dá-lhe por pai a Manuel de Carvalho, "*filho de D. Antónia*". Viu depois no Arq. Distrital do Porto, fregº de Stº Idelfonso a 24.11.1686 o casamento de Manuel de Carvalho, cordoeiro, nat. de Barcelos com Francisca da Costa e que seu primeiro fº é afilhado por procuração de Manuel de Faria de Eça, de Barcelos, e que no assento do segundo acrescenta Eça ao seu apelido. Ao estudar a descendência desse casal, chama-lhes Carvalhos da Cordoaria (onde vivem), chega a muitas famílias: Carvalhos Serzedelos, Calmom Navarro de Andrade de Menezes Fontes, Leites de Faria, Castro Pereira de Lima, Mendes da Silva, etc, etc; d) D. Ana de Castro, freira em S. Bento de Viana; e) D. Leonor Clara de Eça, freira no mesmo; f) Frei Diogo de Eça, B. a 10.8.1637 (NI Oliv\*), Frade Stº Agostinho. Todos nasceram na casa da rua da Cadeia.

<sup>34</sup> Para a sua genealogia ver o meu "*Velhas Casas de Guimarães*" - Vol. II, Casa do Cano ou Salvador.

<sup>35</sup> Todos nascidos na Rua da Cadeia (NI Oliveira, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta).

Fugazes aventuras: dois filhos naturais reconhecidos: Francisco de Castro de Eça e Dona Genebra de Eça<sup>36</sup>. A pena a correr-lhe veloz. Escreve "*Árvores Genealógicas compreendendo as famílias dos Senhores de Abadim com as Armas e brasões iluminados*". Onde se encontram? As tintas das iluminuras estarão desvanecidas, as cores apagadas, a não se deixarem perceber, como os sentimentos nas suas segundas núpcias em 1690, com sua prima co-irmã Dona Guiomar Bernarda da Silva, 24 anos mais nova que ele. Enternecido, aumenta-lhe o dote: dá-lhe a quinta da Torre em Salvador de Galegos em Penafiel, quatro casas no Largo da Oliveira, duas na rua da Cadeia, 200 marcos de prata<sup>37</sup>.

Dois filhos pequeninos. A doença mina-o. Vai morrer; roga ao tio e ao sogro que olhe pelos netos e faça construir na sacristia de S. Domingos uma capela para repousar com sua primeira mulher. A 16.11.1693 entrega a alma a Deus.

Na escuridão dos lutos, cortinas corridas, panos de dó a cobrirem espelhos e retratos dois orfãozinhos a crescerem sem o amor do Pai, o chorinho da enfaixada Dona Paula Jerónima, os primeiros passos de Tadeu Luís António<sup>38</sup>, o futuro mecenas vimaranense, senhor do Palácio de Vila Flor.

Tadeu Luis António!

Tadeu Luis António!

Menino órfão de Pai, mãozinha na do Avô materno, talvez olhe a obra mandada fazer pelo Pai: a capela na sacristia da Igreja de S. Domingos em Guimarães. Riscou-a o imaginário António de Andrade. Correrá o fidalguinho, debaixo dos olhares atentos dos mestres pedreiros Manuel Fernandes e João Moreira, pela escada "*a despedir na varanda*", pelos portais? Um de capitéis, pilares e barras dóricas; o outro é de arcos lisos. Que verá com os seus olhos de criança espantada no grande brasão a dominar a capela, onde o desvelado Avô pretendeu esquartelar as suas Armas<sup>39</sup>?

Cresceu. Passemos seus Mestres, seus livros e estudos, onde adquiriu o gosto pelas letras e pelas artes. Sublinhemos a sua fugaz aventura com Inês de Oliveira, natural de Guimarães, o filho, José Bernardo de Carvalho<sup>40</sup>, a nascer em Lisboa a 15.6.1714 "no tempo em que seu pai assistiu na corte". E é na capital a 19.5.1720, que casa Tadeu Luis. Umas

<sup>36</sup> D. Genebra de Eça, faleceu com 14 anos. Francisco de Castro de Eça (havido em Mariana de Freitas, soltº) foi cónego Prebendado da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, fez as Inquirições de genere a 18.11.1707 (in "*Boletim de Trabalhos Históricos*", vol. XV p.114 a 119) e faleceu em Tomar a 17.7.1738.

<sup>37</sup> Para estes acontecimentos há mais detalhes nos meus "*Velhas Casas de Guimarães*", Vol. I, p. 247: Casa do Paço (genealogia), p. 324-5; Casa dos Pombais (compra da casa) e no Vol. II na casa do Cano ou Salvador, p. 632 (dote de D. Guiomar Bernarda), p. 634 (livro de Gonçalo Lopes), p. 635-6 (obra na sacristia) e na Casa do Arco, p. 977 (noivado de D. Guiomar), p. 982 (dote de D. Jerónima) e p. 984 (pleito).

<sup>38</sup> Tadeu Luís António nasceu na Casa da Rua da Cadeia a 9.3.1692 foi Bap. na Oliveira e foram padrinhos os avós maternos (N 2 Oliv\*); D. Paula Jerónima n. a 9.9.1693 e foi afilhada dos tios maternos Fernando Peixoto e D. Inês de Alarcão (N 3), tinham portanto à data da morte do pai respectivamente um ano e oito meses e dois meses de idade. D. Paula Jerónima de Castro e Eça casou na Igreja da Oliveira a 17.11.1727 com Manuel de Brito Barreto da Costa e Castro, Capitão-Mor das vilas na beira e suas anexas e morgado da sua Quinta de Pomares, no Bispado de Coimbra (C 1 Oliv\*). Tiveram geração. (Morgados de Pomares, Chichoros da Gama Lobo etc.).

<sup>39</sup> V. nota 37, p. 635-6 da Casa do Cano ou Salvador.

<sup>40</sup> José Bernardo de Carvalho, foi Cónego da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira fez as Inquirições de Gênera a 5.3.1734 (in "*Boletim de Trabalhos Históricos*", vol. XVI, p. 13 a 23) n. em Lisboa a 15.6.1714, e faleceu em Guimarães na Casa dos seus maiores (Rua da Cadeia) a 28.6.1794. Reconhecido por seu Pai foi coadjutor de seu tio o Cónego Francisco de Castro Eça. Nas notas do Tab. Luis António de Abreu, a 6.7.1789, perfilhou dois filhos: a) José Joaquim de Carvalho e Camões, havido em Josefa Luisa. Foi clérigo; b) D. Luisa Joana de Carvalho e Camões, havida da mesma Mãe, Herdª da Casa dos seus Avós, x por procuração na Igreja de S. Sebastião em Guimarães a 15.7.1798 com José Coelho de Vasconcelos da Mota Prego (1757-1831), Sr. da Torre da Mota e mais Casa de seus Pais, pais de D. Ana Emilia Coelho de Vasconcelos de Carvalho Mota Prego e Camões, fal. soltº; Manuel Coelho da Mota Prego de Meyra e Vasconcelos (1799-1869). Suc. Capitão dos Voluntarios Realistas. x 19.1.1855 com D. Antónia Angelina Pereira Leite de Magalhães e Couto, c.g. (Mota Prego, Mota Prego de Faria, Alves da Cunha Pereira Leite, etc. v. o meu "*Quinta do Paço*") e D. Joaquina Augusta Coelho da Mota de Carvalho Prego x.c. Francisco António da Silva Pereira da Cunha, C.G. extinta; c) D. Maria Inês de Carvalho, n. em Abação (havida em Catarina Felícia da Rua de Couros, S. Sebastião) x.c. José de Magalhães e Menezes, Pº de Jacinto de Magalhães e sua m.er D. Maria Lourença de Melo, da fregº de Santa Maria de Pombeiro e tiv. pelo menos uma fº: D. Guiomar n. em Vila Flor a 20.7.1782, afilhada de Dom José de Lancastre e D. Guiomar Mariana de Menezes (N 4 Urgezes, Arq. Mun. A. Pimenta).

esplendorosas bodas com Dona Brites Teresa de Menezes<sup>41</sup>, esposa doce e linda, tão cedo sacrificada. Morre ao dar à luz, a 20.11.1721, o filhinho António, nascido horas antes: Mãe e filho enterrados juntos. São cruéis imagens; na tentativa de as apagar, a erudição vai ocupar o seu lugar.

No regresso a Guimarães, funda Tadeu Luis, a 24.12.1724, a Academia Vimaranesense. Reúnem-se os mais ilustrados, não mais se calará a voz do ilustre fundador "no culto das letras pátrias, em honra do paiz em geral e do berço da monarchia em especial"<sup>42</sup>. Discursa, verseja, tenta a poesia épica, deleita-se a ouvir elogios a si e à sua estirpe.

Não tarda a prender-se aos encantos da verde Ponte de Lima, cavaquinhos e alegres vozes a soarem nos campos. Aí, a 10.7.1725, contrai segundas núpcias; a noiva é Dona Francisca Rosa de Menezes, filha de Francisco Furtado de Mendonça e Menezes, Senhor da Casa de Argemil na dita vila e sua mulher Dona Maria Luisa de Valadares e Amaral<sup>43</sup>. Vêm risos de gozo, de bem-aventuranças, logo apanhados pela desgraça.

Na rua da Cadeia, chamada então rua do Espírito Santo, nasce o primogénito de Tadeu Luis e Dona Francisca: Gonçalo José Tomaz Francisco António, a vir ao mundo 7.3.1726, os sinos a repicarem no seu baptizado, as procurações a chegarem: de Lisboa, a do padrinho, Marquês de Angeja, Conde de Vila Verde; de Ponte de Lima a da madrinha, a tia Dona Mariana do Amaral e Valadares. Logo vem mais outro: Francisco José Xavier, a 5.2.1727, é apadrinhado pelo Avô materno e pela Avó paterna Dona Guiomar<sup>44</sup>. O horror; a crueldade das bexigas, leva ambos para o Céu no mesmo dia: 12.12.1727. Tadeu Luis António! No meio da grande dor; repete-se na casa da rua do Espírito Santo: "São anginhos a pedirem por nós lá no alto!" e com a graça de Deus, Dona Francisca espera outro filho.

O Reino exulta. "Em todas as Provincias de que se compoem o Português dominio, mostrarão os coraçõens dos seus habitantes, com as expressõens mais vivas, a parte que lhes coube nos justificados gostos dos seus Principes; reconhecendo na elleição do seu soberano o acerto deste duplicado Real consorcio; pois della lhe resulta a conveniência de verem segura com tam abonados fiadores a perpetuação duma paz de tam reciproca utilidade às duas Coroas; a satisfação de verem contratada para propagar a Real estirpe dos seus Monarcas, huã Princeza em quem se unio o Preclaro e Real sangue dos Reis Catholicos e Cristianissimos; adornado das mais revelantes virtudes; e a gloria de dar à Casa Real deste Reino mais huã Rainha à Europa, depois de haver dado 6 a Castella, 2 a Leão, huma a Aragão, duas à Dinamarca, huma à Grã Bretanha outra a Chipre e duas Emperatrizes à Alemanha. Mas sendo estas ponderaçõens para todos estimaveis, para nenhum Povo o forão com mais especialidade, que para Guimarães, que justamente jactanciosa de ter sido o berço do seu primeiro Rey, e desta Monarchia a primeira Corte, se perssuadio que estas circunstancias a constituíam na obrigação de se distinguir dos mais vassallos nos seus obséquios". Ao exaltarem todas as suas glórias, lamentam os de Guimarães não ter havido mais brilho nas festas da vila por ocasião dos casamentos do Sereníssimo Príncipe do Brasil e da Sereníssima Senhora Infanta Dona Maria Bárbara, Princesa das Astúrias em Fevereiro de 1728. Havia "uma especie de diferença, em que se achavão neste tempo,

<sup>41</sup> D. Brites Teresa era fª de Sancho de Melo da Silva de Azambuja, F.C.R., Comor. de Stª Maria de Manteigas, Mestre de Campo de Auxiliares e de sua mer. D. Maria Teresa de Vilhena, neta pat. de Henrique de Melo de Azambuja, F.C.R., Sr. do Morgado da Loureira em Souzel e de sua m.er D. Brites de Sousa, Herdª (Comenda de Manteigas) e mat. de D. António de Menezes (Cantanhede), Alcaide-Mor de Sintra e de sua m.er D. Antonia Madalena de Vilhena, in Gayo "Nobiliário das Famílias de Portugal" Tomo XVI, Juzartes.

<sup>42</sup> Padre António José Ferreira Caldas "Guimarães", vol I, 1891, p. 312 - Academia Vimaranesense.

<sup>43</sup> Neta pat. de D. João Manuel de Menezes, Moço Fid. da C.R., Procurador às Cortes (dos Senhores da Barca) e de sua m.er D. Francisca Luisa Furtado de Mendonça, Srª do Morgado de Argemil e do de Mariz em Barcelos e mat. de João de Valadares Carneiro, Sr. da Casa dos Valadares no Porto e de sua m.er D. Margarida Machado da Silva e Menezes Soutomaior, in "Nobiliário" citado na nota 41 em vários tomos.

<sup>44</sup> N 5 e 6 da fregª da Oliveira, Arq. Mun. A. Pimenta.

o Senado da Villa com a sua Colegiada. Foy então que Tadeu Luis António Lopes de Carvalho Camõens e Fonseca, Senhor de Abadim e de Negrellos, cujo magnanimo coração a impulsos da sua generosidade, manifestou com pomposos efeitos a imensidão da alegria que em si tinha reconcentrada, e havendo acabado a 7 de Fevereiro o triduo festivo da Villa quiz continuar por mais hum dia o aplauso e que neste corre por sua conta a despesa do festejo".

Tadeu Luis António!

Tadeu Luis António!

Ilustre Senhor! Que rópia! Que donaire! Vestis "huma casaca de escarlata primorosamente bordada a oiro e prata, e relevada a bordadura com alcachofras de canutilhos; de huma vestia de hum estofa coalhado de oiro brilhante, que o moderno vocabulário chama glacé. A venera da Ordem de Christo (em que he Cavaleiro Professo) de ouro guarneçada de preciosos diamantes; e da mesma materia e guarnição erão a fivela, botão e presilha do chapeo, copo e guarda do espadim e fivelas dos sapatos".

Veja satisfeito a fachada da sua Casa paredes e janelas emolduradas com tochas de cera branca, juntinhas umas às outras; que lindo será à noite, tudo aceso a tremelicar. Percorra o interior da Casa: mil tochas iluminarão as salas, escadas, galeria e pátio. Olhe ao redor: da Misericórdia a todas as casas à volta da Praça, haverá um festivo clarão; todas têm grisetas e velas. E na Praça? Está tudo pronto, "levantaram-se nos quatro cantos quatro pyramides formadas sobre arcos; revestido tudo de encarnado e prata e adornado de varios remates e decorações. Por cada arco se entrava em hum frondoso bosque de frondosos ramos, e de todos os quatro bosques, rebentavam outras tantas fontes de excelente vinho. No centro da praça se erigio hum Padrão sobre quatro colunas, cujos capiteis servião de base a outras tantas pyramides". Para gozo dos curiosos e pasmo do povo à escuta de quem lesse, contam as pirâmides a grandeza da ascendência dos noivos. Lê-se na dedicada ao Príncipe Real: "...descende por 12 linhas diferentes dos Reys D. Filipe I e D. Joana de Castela, logrando assim unidos com o Real Sangue dos Monarcas Portugueses, e das Augustissimas Casas de Austria, e Castella, concorrendo para o esplendor de tam soberano mixto o das de Baviera, Brandemburgo, Dinamarca, Itália, Lorena, Palatinado e Saxonia". Dedicase a outra à "preclara estirpe" da Princesa do Brasil, Dona Mariana Vitória, "86 vezes de Real Sangue Português, por ser doze vezes descendente do Senhor Rey D. Manuel pelos Serenissimos Senhores Infantes D. Duarte, D. Isabel e D. Brites, 17 do Senhor Rey D. Duarte pela Senhora Emperatriz Dona Leonor, e outras tantas pela Rainha D. Joana de Castella". As duas restantes continuam a descrever os avoengos dos régios noivos. Entre as pirâmides levanta-se um Padrão, a enlançar a ascendência dos esposados pelo seu muitas vezes comum Avô, o Senhor Infante D. Duarte, Duque de Guimarães; o Senhor de Abadim, conceituado autor das "Memorias Eclesiásticas, Seculares e Genealógicas de Guimarães"<sup>45</sup>, rejubila.

No vão dos quatro arcos, entre as colunas, está um boi vivo, símbolo da paz e concórdia, por todos esperadas, agora fortalecidas pela aliança das duas coroas. Este é o cenário, e em casa o que se passa?

Cinquenta e seis senhores: os mais nobres da vila, os Cónegos e Dignidades, o Tesoureiro-Mor da Sé de Braga, os prelados das religiões e ministros das justiças, convidados por Tadeu Luis, encontram-se à mesa. Não param os criados. "Três vezes se cobrio a mesa, e cada huma com 36 grandes pratos, todos diferentes abundantemente servidos dos manjares mais delicados, mais deliciosos e mais exquisitos. Nas duas primeiras forão servidos os convidados em prata; na terceira em porcelana do Japão e China. Durou este gostoso divertimento até ao por do sol". Anoitece. No salão, debaixo dum docel,

<sup>45</sup> Diogo Barbosa Machado "Biblioteca Lusitana", Ed. fac-similada, Coimbra, Atlantida, Ed. MCMXVI.

os retratos dos contraentes. A tela cobre as portadas e bufetes, as paredes guarnecidas por "Dez grandes placas de prata" (espelhos?), as serpentinhas bem acesas. Está reunida a "Academia Vimaranesense".

A sessão principiou há muito. Três académicos<sup>46</sup> disseram "três orações Panagyricas e muitas poesias elegantes e discretas em varias linguas, aplaudindo todas as virtudes dos Principes Esposados". Atente-se ao quarto Panegírico. Tomou a palavra Tadeu Luís Antonio "na lingua castelhana sem que a circunstancia de lhe ser estrangeira, deixasse prejudicada a sua natural elegancia, e serão seu premio as vozes com que a fama começou deste dia a decorar, para as repetir, perpetuamente com plausiveis brados, em grande credito de Guimarães sua Pátria, que se consideraram na sua pessoa, com a sua magnanimidade, a gentileza, a galhardia, o estudo, discreção e o zelo da gloria do seu Rey; não lhe ficando Neutral aquelle militar ardor que sendo necessario saberá empregar na defesa da sua Pátria".

Findos os discursos segue-se uma serenata e uma loa; tocam os melhores músicos do distrito, bem caracterizadas estão as figuras. Circulam bandejas, carregadas de vinhos e licores, geleias e os mais saborosos doces, encomendados pelo Senhor de Abadim aos Mosteiros de Lisboa, Évora, Coimbra, Porto, Lamego e Ponte de Lima. Nos ares estoura a primeira girândola. Às janelas escancaradas correm os académicos e os ilustres convivas. Na praça, repleta, o povo embasbacado, vê desenharem-se no céu, num festival, "subirem às nuvens serpentes de fogo de diferente artificio. Humas que desfazendo-se em Estrelas, parecia quererem dar novas constelações ao firmamento, outras que voando com maior violencia, acabavão de estourar como em castigo do atrevimento de subir; e algumas feneciam derramando-se em lágrimas". Iluminadas as quatro máquinas na Praça, o vinho a jorrar nas fontes, a carne de boi repartida pela plebe, das janelas da casa lançam-se mais de dois mil pães e cestos de fruta e doces, o povo num tumulto para os agarrar; os risinhos convidados entusiasmados com o espectáculo. Dura três horas a função<sup>47</sup>. Volta o silêncio.

O filho tão esperado nasce a 3.8.1728. Mas, António Luis tem o mesmo triste destino dos seus irmãos: pomposo Baptizado, afilhado dos tios Manuel de Brito Barreto da Costa e Castro e Dona Joana Inês de Castro e Eça, enche de dor os seus, com a sua morte, a 19.10.1728, vitimado também pelas bexigas. E agora? Que resta? Só há um filho, o reconhecido, a preparar-se para o sacerdócio, possivelmente contra a vontade. Seja o que for, "pelo defeito do seu nascimento" é inapto para a sucessão. E agora? Deus na sua misericórdia, manda mais filhos aos Senhores de Abadim. Não rapazes, morgadinhos a continuarem a varonia de Lopo Sanches, mas três meninas, a despertarem para a vida com força e saúde: Dona Guiomar Anacleta, Dona Mariana Luísa Inácia e Dona Ana Joaquina Lourença<sup>48</sup>.

<sup>46</sup> Pronunciados pelos Académicos: Amaro José de Passos, secretário da Academia, Dr. Francisco Rebelo Leitão, Corregedor e Dr. Manuel Lopes de Araújo (em latim). Obsequiou-os o Sr. de Abadim ao 1º com um anel de diamantes e um livro histórico, ao 2º com um relógio e o "Epitome da Historia de Portugal" e ao 3º com outro relógio e as "Primeiras Chornicas do Reino".

<sup>47</sup> Os trechos em itálico são copiados de José Freyre Monterroyo Mascarenhas "Guimarães Festiva ou Relaçom do Festejo Publico com que a Nobilissima Villa de Guimarães aplaudiu os Reais Desposorios do Serenissimo Principe do Brasil Nosso Senhor, e da Serenissima Senhora Infanta Dona Maria Barbara, Princesa das Asturias no mez de fevereiro de 1728. Dedicada ao Senhor Tadeu Luis António Lopes de Carvalho Camões e Fonseca...". Lisboa Ocidental, na Oficina de Pedro Ferreira, Anno MDCCXXVIII: Aí também se inspirou o Pe. Caldas (nota 42) p. 314-20 - Festejos Públicos em 1728 e no meu "Casa do Paço" (nota 37) fiz um resumo dessas festas nas p. 247-49.

<sup>48</sup> O nascimento de António Luis está no N 6 da Oliveira onde também vem o de D. Mariana Luisa a 29.11.1731 (afilhada de Luis Gonçalves da Camara Coutinho, fº do Almotacé-Mor e D. Antonia Josefa de Sousa e Silva, assistentes em Barcelos na Qtª da Silva) e o de D. Ana Joaquina a 8.1.1733, o padrinho foi o "Eminentissimo Cardeal da Mota". Os três nascidos na casa da rua da Cadeia. D. Guiomar Josefa n. a 13.7.1729 numa quinta dos seus Pais em S. Pedro da Boavista, Comarca de Penafiel.

Tem só treze anos. Herdeira duma boa Casa, urge casá-la. É em Lisboa, a 6.6.1742, que Dona Guiomar Anacleta de Carvalho Fonseca e Camões, primogénita de Tadeu Luis, casa com Dom António de Lancastre, Capitão de Cavalos, Capitão e Governador de Angola, grande Senhor na Corte, varonia real pelo Senhor Dom Jorge<sup>49</sup>, Guimarães a acolhê-los com alegria.

Nesse mesmo ano, em Setembro, como muitas vezes acontece, recita-se e canta-se na casa da rua da Cadeia. Reúne-se a Academia em honra do Reverendo Padre Geral de S. Jerónimo, vindo para proceder às eleições no seu Convento da Costa, "onde no tempo que residiu nesta villa foy hum dos doutssimos alunos della, e algumas vezes Presidente"<sup>50</sup>. Não tardam os netos: a 23.2.1744, nesta rua do Espírito Santo, nasce Dom Manuel Tadeu Gonçalo António de Carvalho Camões e Lancastre (Dona Guiomar Anacleta Mãe aos quinze anos), logo seguido a 14.3.1745 pelo nascimento de Dom José Raimundo de Lancastre<sup>51</sup>, ambos a pouco viverem. Mais uma vez, na história desta família é uma menina a vingar: Dona Francisca Felizarda de Lancastre da Fonseca e Camões, a filha terceira, a mais nova e depois única.

O viver duns fidalgos senhores, pais, três filhas, uma casada e duas solteiras, o genro, os netos, na fartura da sua muita criadagem e escravos é abalado por um acontecimento ocorrido há poucos anos. Em 1742, o Senhor Dom José, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas, ao fazer o seu primeiro Pontifical mandara prender sucessivamente 17 Cónegos por se recusarem a pegar nas maças. Estabelecera-se a discórdia, a motivar em Dezembro de 1746, a inesperada resolução do Arcebispo de abandonar Braga e vir residir em Guimarães. Tadeu Luis António oferece a sua Casa, agora Paço, para hospedar "um Principe que não é como os mais Arcebispos, mas filho dum Rey, meio-irmão felicissimo de Sua Magestade".

A 10 de Dezembro entra Sua Alteza na vila, engalanada num rápido, enorme comitiva de "bem ajaezados cavalos, rutilantes berlindas, bem pintadas liteiras, prontas carruagens" a esperá-lo estrada fora, os Cónegos a lançarem-se a seus pés (é Padroeiro da Real Colegiada), chusmas de pobres a surgirem, esmolos lançadas com generosidade. Entra por S. Lázaro, em luxuosa berlinda, prenda de El-Rei, puxada por oito formosos cavalos. A multidão aplaude, "os homens esquecem a sua natural curiosidade, mulheres não se lembram do seu natural recato". Foguetes, vivas, "estrondo de tambores e harmonia de clarins" que sempre o acompanharão na dilatada estadia, ouvem-se até à Colegiada da Senhora da Oliveira. Aí reza, depois, debaixo de Pálio, dirige-se à casa do Senhor de Abadim, onde ficará por perto de três anos, com toda a sua numerosa família, fausto e grandeza da sua Real Pessoa, salão sempre cheio de visitas, importantes figuras, ávidas de se curvarem frente a Sua Alteza.

Três anos em que não parou o Senhor D. José. Visitou todos os Conventos, todas as Igrejas vizinhas "descendo da berlinda com grande agilidade e entre todos era S.A. que menos sentia os incomodos dos atalhos caminhando com agilidade incomparavel, atendia a todos com benevolos e discretas falas, curiosas e bem ordenadas perguntas". Crisma

<sup>49</sup> Fernando de Castro da Silva Canedo "A Descendência Portuguesa d'El Rei D. João II", Lisboa, MCMXLV, vol I, p. 411. Foi também Comissario Geral de Cavalaria, n. em Lisboa, fregª da Encarnação a 3.2.1719 e era 4º fº de D. Rodrigo de Lancastre, Capitão de Cavalaria, Gentil-Homem da Camara do Infante D. Manuel, Comissário Geral de Cavalaria e de sua mer. D. Isabel Francisca Xavier de Castro, neto pat. de D. João de Lancastre, Governador do Brasil etc. e de sua mer. D. Maria Teresa Antónia de Portugal, Hercª e mat. de João Correia de Lacerda, Capitão de Cavalos, Cavº da Ordem de Cristo e de sua mer. D. Luisa Catarina Fontoura. Era 6º neto na varonia do Senhor D. Jorge, fº d'El-Rei D. João II.

<sup>50</sup> Luis Montez Matoso "Anno Noticioso e Histórico 1742", Lisoptima Edições, Biblioteca Nacional, MCMXXCVI, p. 320-1.

<sup>51</sup> Dom Manuel foi afilhado do avô materno e de Nossa Senhora da Madre de Deus, N 6 Olivª, Arq. Mun. A. Pimenta.

incessantemente, confere Ordens Sacras, ou nas Igrejas ou no agora Paço, quando o tempo não permitia saídas, como a 20.1.1747, quando aí crismou 317 pessoas, dá Audiências Públicas. Celebram-se em sua honra as sessões da Academia. Logo na Primeira o Presidente Tadeu Luis António, toma a palavra: disserta sobre a História de Guimarães, exalta a sua fidelidade à coroa e no Primeiro Assunto Heróico, a provar que "Guimarães está mais gloriozo com a assistencia de Sua Alteza, que com o Nascimento de El-Rey D. Affonso Henriques", apresenta o Soneto:

" De Vossa Alteza, o Culto Magestoso  
He nossa dita, e gloria, e nosso tudo,  
Com tal honra Eu não posso estar sezudo,  
Já tóco a castanheta do gostozo;  
De Affonso o nascimento mais gloriozo  
Á vista desta gloria, fica mudo,  
Eu canto, eu bailo, eu salto, e nunca mudo  
O estilo folgazão, modo jocozo.  
Tudo em mim he prazer; contentamento,  
Eu brinco, eu danço, e mais os meus netinhos,  
Vendo de Guimaraens o luzimento.  
Pois Sua Alteza honrando os nossos ninhos,  
Excede em tanta gloria ao nascimento,  
Que lá no tempo foi dos Affonsinhos."

E seguindo escrupulosamente todo o calendário litúrgico, acompanha o Primaz sempre as Procissões da Semana Santa, preside aos Lava-pés, celebra Pontificais nos Natais, glorifica a Deus em todas as Festas, derrama com espiritualidade a sua palavra. Como não gosta de comédias, loas e bailes, resumem-se os festejos públicos, pois detesta toiros e proíbe as danças no Corpo de Deus. Para compensar organizam-se vistosas cavalcadas, alcanzias, sortilhas e escaramuças a que Sua Alteza assiste com complacência nos poucos intervalos do seu carregado dia, toda a nobreza delirante em corridas, lanças em riste e briosa galhardia.

No segundo assunto lírico a "provar que o maior indicio que o amor que Sua Alteza tem a Guimarães foi vir de repente", glosa o Senhor de Abadim:

"Sua Alteza por mostrar,  
Do seu Amor o alto fim,  
Voa como hum Serafim.  
Vem como hum anjo a voar;  
Não sofrem algum vagar  
Os seus affectos ardentes  
Por serem tam excelentes  
Ainda não sendo cuidados;  
Deus me faça os meus pensados,  
Como são os seus repentés".

Continuam sem nunca parar desde a madrugada até bem entrada a noite, as visitas, as cerimónias, as homenagens. É esgotante! No sábado a seguir à Páscoa de 1748, tanta Igreja visitada, tanta Comunhão distribuída, tantos Te-Deuns e ofícios, Sua Alteza "para desafogar na honesta recreação do passeio o aperto em que vive em palácio foi divertir-se à Quinta de Vila Flor, e por fazer mais extenso o recreio na utilidade do exercício, se foi lograr da amenidade dos vales a que serve de cristalino centro a fonte de S. Gualter...". Enquanto passeia, poderá contar dos seus projectos a reconstrução, para sua residência dos Paços dos Duques de Bragança, seus antepassados, Tadeu Luís António a pensar em mandar construir uma grande casa na sua Quinta de Vila Flor.

O Senhor Arcebispo desiste das obras nos Paços; adquire casas para deitar abaixo e fazer a enorme de "98 janelas e 77 portas", que nunca habitará. Quanto ao sonho, a obra do Senhor de Abadim, na sua quinta de Vila Flor, essa nasce. Por não se ter visto a documentação, não se precisa a data, não se diz quem nela trabalhou, nem quem a riscou. Ao contrário do palacete do Arcebispo, bem conhecido e detalhado nos seus começos<sup>52</sup>, Vila Flor, ergue-se até agora silenciosamente, no esplêndido barroco de então, estátuas de Reis a debruarem-no, jardins em socalcos, quase até à vila, delícias de frescura e fontes cantantes. Até onde prosseguiram as obras, o brasão dos Carvalhos<sup>53</sup> a coroá-las?

Passa o tempo. Naqueles dias cheios de piedade e ostentação, reúne-se muitas vezes a Academia, Tadeu Luis, seu Patrono e académico supra numerário da Real Academia de História (com o nome de Tagomelo Coriteu)<sup>54</sup>, dos Infecundos e da Arcádia em Roma verseja e escreve. Veja-se o que diz, entre muitos trabalhos, "sobre que a mais glorioza immortalidade do Augusto Nome do nosso Monarca, são as acções que faz em Guimaraens S.A.":

"... Pego na pena, e vou poetizando  
Del-Rey o nome mais se immortaliza  
Em Guimaraens, onde o soleniza  
Sua Alteza em acções tanto notorias  
Que excedem o volume das historias;  
Sera o Real Nome em culto fiel  
Mais immortal, que a torre de Babel.  
O nome de João  
Nas grandezas do seu Augusto Irmão  
Ainda gloria terá mais sublimada  
Do que tem a Real Colegiada,  
O Pelote famoso  
Dei Rey Dom João Primeiro Gloriozo!  
Pois Sua Alteza em cada felis trofeo,

<sup>52</sup> D. José, Arcebispo de Braga, hospede de Tadeu Luis, por seu procurador o Rev. do Dr. Marcelino Pereira Cleto, comprou a Francisco António Peixoto de Miranda, assistente no Porto e a D. Inácia Antónia Coutinho, m.ores. na Q.tª de Agrelas, Stª Cruz do Bouro, conc. de Baião, uma morada de casas de sobrado, com suas janelas rasgadas, sitas na rua Sapateira, com seu quintal da parte do Norte, que parte de Nascente com Pedro Fernandes Viana, e do Poente com o Terreiro da Misericórdia entre o quintal e a Cadeia da Correção e do Sul com a dita rua Sapateira, por 1.800\$00 (Nota de João Lopes de Faria, Livro Grande, p. 296). A 6.1.1749, D. José deu a Casa a seu creado João Lopes da Gama, F.C.R., "em remuneração do grande affecto, verdade e fidelidade com que o tem servido desde o anno de 1725 athe ao presente, e só reserva servir-se das ditas casas emquanto for vivo".

<sup>53</sup> Segundo informações em 1884 encontrava-se partido nos jardins.

<sup>54</sup> Pinho Leal "Portugal Antigo e Moderno", Lisboa, Matos e Moreira, 1884, vol. XI, Vila Flor; p. 725, mas já de autoria de Pedro José Ferreira o que acontece a partir da metade do 10º volume.

Lhe levanta hum Padrão e hum Coliceo;  
E á sua imortalidade  
Esta vila em fatal celebridade  
Lhe fará procissão,  
Missa cantada e a sua pregação ...”<sup>55</sup>

Chega o dia em que o *“Sereníssimo, Piedossíssimo, e Sapientíssimo Senhor Arcebispo Primaz regressa a Braga”*. Vai com toda a família eclesiástica e secular, os lacaios de verde, farda da Casa de Bragança, os formosos cavalos sustentados a ovos, a lembrança das portentosas esmolos, o bem que fez. Partiu com a sua pele escura e encarapinhados cabelos, a “deixar muitas saudades, o felicissimo irmão d’ el Rey Dom João V”.<sup>56</sup>

Entretido com as obras, volta o Senhor de Abadim depois destes agitados três anos ao sossego dos seus papéis, aos lazeres da Academia. Casa as outras Filhas. Primeiro Dona Mariana Luiza Inácia de Menezes com seu primo Caetano Baltazar de Sousa de Carvalho, *“Sucessor a seu Pai, Fidalgo da Casa Real, Familiar do Santo Officio, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Senhor do Morgado dos Carvalhos e da Capela da Madre de Deus, Mestre de Campo de Infantaria, Alcaide-Mor de Vila Pouca de Aguiar”*<sup>57</sup>, e a 26.7.1751 Dona Ana Joaquina Lourença de Menezes com Gonçalo Barba Correia Alardo de Pina e Lemos, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Alcaide-Mor de Leiria, Senhor do Morgado da Rameira, Mestre de Campo dos Auxiliares de Leiria<sup>58</sup> o outro genro, Dom António de Lancastre, como seu natural sucessor, a aparecer nos torneios, a presidir por vezes à Academia e ao Pálio nas procissões, como convém à sua alta gerarquia<sup>59</sup>.

<sup>55</sup> Tadeu Luís António Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões *“Guimarães Agradecido, Applauzo Metrico . que a celebre Academia de Guimaraes recitou na presença e em louvor do Serenissimo Senhor D. Joze, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, com huma breve narração da entrada e Progressos daquele Principe na mesma Villa”*. A 2ª parte da obra é a *“Narrção dos Progressos que o Serenissimo Senhor D. Joseph, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas fez na muito notavel villa de Guimarães desde desasseis de janeiro de 1747 em que terminou a outra narração até ao Natal de 1748”*. Nelas incluem-se todas as sessões da Academia e andanças do Senhor Arcebispo. No *“Guimarães” (nota 42) descrevem-se estes sucessos nas p. 320-25; Episcopado de D. José de Bragança desde 10 de Dezembro de 1746 a Janeiro de 1749*. O mesmo fiz nos meus *“Casa do Paço”* (nota 37), p. 249-51 e no *“Ao Redor de Nossa Senhora da Oliveira”*, Guimarães, 1998, p. 510-12, notícias tiradas das *“Memorias Particulares de Inácio José Peixoto”*, Arq. Distrital de Braga, Universidade do Minho, 1992.

<sup>56</sup> Terceiro Livro mencionado na nota anterior.

<sup>57</sup> Tiveram 3 f.os.: a) D. Jerónima Teresa de Carvalho e Menezes, n. a 5.10.1749 (Olv<sup>a</sup> N 7) x a 15.8.1765 com Francisco Xavier Alpoim da Silva e Abreu, Sr. da Torre da Pousada em Calvelo (Ponte de Lima) e do Morgado de St<sup>a</sup> Eugénia em Barcelos, etc. com muita geração (citada no meu *“Velhas Casa de Guimarães”*, vol. I, Casa de Pousada na nota 217 dando aqui só por ex: Alpoins d’Agorreta e da Rede, Costas Mimoso, Osórios de Aragão, Srs. da Torre de Aguiã, Rängeis de Quadros, Srs. de Sergude, etc., etc.); b) Filipe de Sousa, n. a 15.12.1750 (M I Castelo, Arq. Mun. A. Pimenta) + m.; c) José Filipe de Sousa Carvalho n. a 22.4.1753 (Olv<sup>a</sup> N 7), Sucessor x com sua prima D. Maria Luisa Peixoto de Carvalho (ambos com dez anos) Morgada de Pousada etc. c.g. a seguir no livro acima citado: (Pacheco Pereiras).

<sup>58</sup> Tiveram 8 f.os.: a) Rodrigo Barba Correia Alardo de Pina e Lemos e Menezes F.C.R., Alcaide-Mor de Leiria, 11º Sr. do Morgado da Rameira, 6º Ad.mor do da Matrena, 7º do do Amparo, Governador dos pinhais de Leiria etc., x.c. D. Inês Catarina de Lancastre, c.g. (Barba Alardo Albuquerque do Amaral Cardoso, Ferrão Ilharco de Castelo Branco, Viscondes de Castelo Branco, Tavira, Reguengos, Condes de Avilez, etc.); b) D. Inês de Vera Barba de Menezes, n. em Leiria 27.6.1752 x. em Oeiras a 16.6.1768 com Bartolomeu José Nunes Cardoso Geraldês de Andrade, Conselheiro e Chanceler da Corte e Casa a Suplicação, Sr. de Medelin, Casa e Morgado dos Geraldês em Idanha a Nova, Alcaide-Mor de Monsanto. c.g. (Geraldês (vários ramos), Viscondes de Trancoso, Marqueses da Graciosa, Condes de Idanha a Nova etc, etc.); c) D. Maria Joana Barba de Menezes n. a 16.9.1758 x.c. Gaspar Cardoso de Carvalho da Fonseca e Vasconcelos, F.C.R., Sr. do Prazo de Novais e dos Morgados de Pilar, Conceição e Travanca, Provedor da Companhia de Vinhos do Alto Douro, c.g. (Cardoso de Carvalho e Menezes Barba); d) D. Francisca Joana Barba de Menezes, x a 8.12.1778 c Jorge de Velez Sousa Tavares e Campos, Coudel-Mor da Comarca de Portoalegre, Sr. dos Morgados da Torre, Reguengos de S. Gregorio c.g. (Condes de Avilez, Castelinos de Sousa Alvim, Condes das Galveias, Viscondes do Reguengo, de S. Tiago de Cayola, Pita de Avilez, etc.); e) Luis Barba Alardo de Menezes, F.C.R., Conselheiro de Capa e Espada e da Fazenda no Rio de Janeiro, Com.or na O. de Cristo, Brigadeiro no Exército Português, Governador da Capitania do Ceará e Capitão General da Capitania de Mato Grosso; f) D. Eugénia Barba de Menezes x c. Isidoro de Almeida de Sousa de Sá e Lancastre, F.C.R., Sr. da Casa da Cavalaria em Vouzela, Donatário da vila de Banho, Sr. dos morgados de Vilarigues e Valadas, Coronel de Cavalaria da Corte, Governador de Moçambique, Rios de Sena e Sofala, Secretario de Estado na Regência da Infanta D. Isabel Maria c.g. (Condes de Tarouca, Marqueses de Alegrete, Condes dos Arcos de Val-de-Vez, etc.); g) Frei José Joaquim Barba, Frei Conventual de Palmela na O. Conventual de Santiago de Espada, Cônego da Capela Real da Santa Bazilica Patriarcal; h) D. Antonia Maria de Menezes x c. Pedro da Costa Fagundes Bacelear Pereira e Antas de Menezes, F.C.R., Alcaide Mor de Pinhel, Sr. das Casas de Fagundes e Bacelear c.g. in Luis de Bivar Guerra *“A Casa de Graciosa”*, MCMLXV, p. 272-76.

<sup>59</sup> Nas lides durante a estadia do Arcebispo (3º volume da nota 55, p. 212, na procissão na chegada da imagem da Senhora da Madre de Deus, in *“Guimarães”* (nota 42) p. 325-332: Chegada a esta vila das imagens de Nossa Senhora da Madre de Deus e S. José.

Largam os Senhores de Abadim a casa da rua do Espírito Santo, tão movimentada durante a estadia do Senhor Arcebispo. Recolhem a Vila Flor, pronta a ser habitada. Ai, na paz da sua verdura, na graciosidade e elegância da sua incompleta fachada, a 23.5.1759, Deus chama a Si Tadeu Luís António Lopes da Fonseca de Carvalho e Camões, *“Moço-Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro Professo na Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, fundador do Palácio de Vila Flor e da maior parte da Quinta, 7º Senhor dos Coutos de Abadim e Negrelos e dos Morgados da Camoira em Aviz (Évora), Carvalhos em Alenquer, Landim, Torneiros e Monte-Longo, Padroeiro das suas Igrejas”*, etc, etc<sup>60</sup> e a 8.9.1760, sua viúva, Dona Francisca Rosa de Menezes. Ambos repousam no seu carneiro na Igreja de S. Francisco<sup>61</sup>. A família continua em Vila Flor, agora pertença de Dona Guiomar Anacleto, a Herdeira. A 17.10.1788 ai falece seu marido Dom António de Lancastre e a 22.5.1789, sua irmã Dona Mariana Luísa Inácia, viúva de há muito do primo Caetano Baltazar<sup>62</sup>.

A única filha de Dona Guiomar Anacleto fica Senhora da Casa de Vila Flor e dos mais bens vinculados. Dona Francisca Felizarda de Lancastre da Fonseca e Camões, Viscondessa de Vila Nova de Souto d’El-Rei pelo seu casamento, recebe-se com seu primo co-irmão Dom António José de Almada de Melo, *“1º Visconde de Vila Nova de Souto d’el-Rei, 10º Senhor desse Prazo, 8º do Morgado dos Olivais, 10º Alcaide de Palmela, Coronel de 1º Plana da Corte, Comendador da Ordem de Cristo (1753-89)”*, filho do grande Almada, o que contra muitos em 1762 no Porto, *“do burgo labirintico, das ruas acanhadas, irregulares, de travessas e vielas escusas, de cotovelos e recantos sombrios irrompe uma artéria rectilinea, comprida de mais um quilometro, rasgando a cidade”*<sup>63</sup>, Dom João de Almada de Melo, Governador, entre outros cargos, das Justiças do Porto e de sua mulher Dona Ana Joaquina de Lancastre, irmã do Pai de Dona Francisca.

Foram dois dos seus filhos<sup>64</sup> Dom João José Francisco de Almada Melo Velho e Lancastre, 2º Visconde, já doente (faleceu a 10.7.1812) e Dom António José Maximo de Almada e Lancastre, que nas notas do Tabelião José Leite Duarte, em Guimarães, a 23.4.1812 vendem por 10.800\$000 a casa de Vila Flor e os prazos do Minhoto, Minhotinho e Cavalinho, a sua prima Dona Maria Leonor de Sousa Peixoto de Carvalho<sup>65</sup>, também bisneta de Tadeu Luís António, a história de Vila Flor a prosseguir.

(continua...)

<sup>60</sup> Volume citado na nota 54 e por outros genealogistas.

<sup>61</sup> Misto 4 da fregª de Urgez, Arq. Mun. A. Pimenta. Tadeu Luis deixou testamento, que não consegui encontrar.

<sup>62</sup> Mesmo livro, mencionado na nota anterior.

<sup>63</sup> Helder Pacheco *“Porto”*.

<sup>64</sup> Foram seus filhos: a) D. João José Francisco de Almada Velho e Lancastre, que segue; b) D. José Teodoro de Almada e Lancastre, Prelado da Stª Igreja Patriarcal, + em Lisboa, fregª de Stª Justa a 29.6.1837; c) D. Ana Leonor de Almada e Lancastre, n. no Porto, fregª da Sé a 4.7.1785 x em Setúbal no Oratório dos Paços do Duque com seu primo Jorge de Cabedo de Vasconcelos Sardenha da Cunha Castelo Branco e Couto, 1º Barão e 1º Visconde de Zambujal, Moço-Fid. da C.R. Coronel do Regimento de Milícias, Sr. dos Morgados de Cabedo, Vasconcelos e Sardenha e do da Qtª da Caridade do Couto em Ourém c.g. (Viscondes de Zambujal, Cabedos (vários ramos) Pereiras da Cunha, etc.); d) D. Guiomar Josefa de Almada e Lancastre, n. no Porto, fregª da Sé a 17.7.1786, x. em Lisboa, fregª da Penha a 1.7.1811 com seu primo Gonçalo Pereira da Silva Alcoforado Rebelo e Lancastre, F.C.R., Sr. da Torre de Alcoforado, Casa e Morgado da Silva em Barcelos, Mestre de Campo de Auxiliares, c.g. (Alcoforados, Casa da Silva, etc, etc.); e) D. António José Maximo de Almada e Lancastre n. no Porto em 1781 e + em Lisboa a 2.12.1858 s.g. - D. João José Francisco de Almada Velho e Lancastre, 2º Visconde de Vila Nova de Souto d’El-Rei, n. no Porto (Palácio do Corpo da Guarda) a 29.1.1783, Co.mor na O. de Cristo, x c. Dona Maria Joana do Monte Forjaz da Camara e Menezes Coutinho, Herdª (Condado da Feira), (dele descendem também os Albuquerque Coelho de Carvalho). Entre outros s.g., foi sucessor D. António José de Almada Velho e Lancastre Carvalho Fonseca Melo e Camões, 3º Visconde (1805-36), x. c. D. Maria José Infante de La Cerda Castelo-Branco. Extinguindo-se nos netos a geração de seu filho varão e sucessor D. Nuno José de Almada e Lancastre Melo Velho de Carvalho Fonseca Castro e Camões, que por legitimista nunca se encartou (Almada Sousa Teles, Almada Bastos), as representações da Casa passaram para a descendência da irmã de D. Nuno, D. Maria Teresa, x c. Augusto Guedes Infante, F.C.R., pais de D. Maria José de Almada Guedes Infante, x. c. Antonio de Azevedo Teixeira Cabral de Sousa Cirne Alcoforado (dos Cirnes, Srs. da Casa do Poço das Patas no Porto e morgado de Freixo em Guilhabreu, Vila do Conde) c.g. (Cirnes, Vasconcelos e Casal Ribeiro de Carvalho). De sua filha Dona Maria Carlota Guedes Infante de Almada de Sousa Cirne x c. Pedro de Vasconcelos Soares Vieira da Mota, Sr. da Casa da Quinta no Marco, é neto o actual representante dos títulos, morgadios Infante de Almada de Sousa Cirne x c. Pedro de Vasconcelos Soares Vieira da Mota, Sr. da Casa da Quinta no Marco, é neto o actual representante dos títulos, morgadios (alvarás do Conselho de Nobreza de 26.6.1995) x. com sua prima co-irmã D. Maria Manuel Fernandes Vasconcelos e Sousa (Castelo-Melhor). c.g.

<sup>65</sup> Lº de notas do Tab. José Leite Duarte, Arq. Mun. A. Pimenta.

Palácio de Vila Flor

TADEU LUÍS ANTÓNIO  
LOPES DA FONSECA DE  
CARVALHO E CAMÕES, Suc.

